

A década de 1980.

Política e futebol no cenário da redemocratização brasileira

Edson Pimentel da Silva *

Resumo

Este artigo procura abordar militâncias políticas dentro do futebol, durante a primeira metade da década de 1980, e que fizeram contexto com o período de redemocratização política que o Brasil estava passando, após viver vinte e um anos sob uma Ditadura Civil-Militar. Na primeira metade dos anos 1980, o ambiente futebolístico nacional se viu surpreendido, com vários integrantes desse meio expressando sua opinião política. Os destaques ficaram por conta das matérias exibidas na revista esportiva *Placar* e pela Democracia Corinthiana, que se uniram a movimentos político-sociais, como nas eleições diretas para governador, em 1982, e na campanha pelas Diretas Já!, entre 1983 e 1984.

Palavras-chave: Futebol; redemocratização; Brasil.

Abstract

This article seeks to address political militances within football, during first half of decade of 1980, and that had made context with the period of re-democratization politics that Brazil was passing, after to live twenty and one years under a Civilian-Military man Dictatorship. In the first half of years 1980, the national football environment if saw surprised, with some integrant of this way expressing its opinion politics. The prominences had been on account of the substances shown in the sports magazine *Placar* and for the Corinthians Democracy, that if had joined the social-politic movements, as in the direct elections for governor, in 1982, and the campaign for the Direct Already!, between 1983 and 1984.

Keywords: Soccer; re-democratization; Brazil.

* Graduado em Licenciatura História-UFF e discente no curso de Empreendedorismo e Inovação (MINOR) da UFF, edsonpimentel@id.uff.br

O futebol na redemocratização dos anos 1980

O início da década de 1980 era o período em que estava se falando de abertura política no país e de redemocratização, os jovens estavam se engajando em coletivos que buscavam lutar contra o autoritarismo da Ditadura e o sindicato dos metalúrgicos no ABC Paulista se movimentava, para conseguir melhores condições trabalhistas. A Ditadura Civil-Militar, que foi inaugurada em 1964, já estava desgastada política e economicamente e aproveitando-se desse desgaste e do ambiente mais favorável à organização política devido a Lei da Anistia de 1979, que permitiu o retorno de exilados políticos ao país, os partidos políticos de oposição- entre eles o Partido Democrático Brasileiro (PMDB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o Partido dos Trabalhadores (PT)- se organizaram para trazer a democracia de volta ao país, após os vinte e um anos de ditadura. Não só os partidos políticos, mas diferentes segmentos e organizações da sociedade civil, como por exemplo, a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) se reuniram e começaram a defender seu direito de voto direto para presidente no ano de 1984, como já havia ocorrido para governador em 1982. Esse movimento ficou conhecido como Diretas Já! E sua característica marcante foi a heterogeneidade dos grupos sociais e políticos que formaram esse movimento político-social.¹

Na primeira metade da década de 1980, a campanha pelas Diretas Já! abraçou vários setores da sociedade brasileira, mas teve um, em especial, que foi cativado: os envolvidos com o futebol. Jogadores, jornalistas esportivos e narradores tiveram participação ativa na campanha das Diretas ou estavam comentando e dando suas opiniões sobre o cenário político brasileiro. Isso é algo interessante, pois, por muito tempo o futebol foi visto como meio de alienação e instrumentalização do governo para iludir o povo, para que não participasse ou prestasse atenção aos movimentos políticos da nação.²

Contudo, na década de 1980, no Brasil, o futebol passou a ser um meio de comunicar ao povo brasileiro sobre a experiência democrática e social que o país vivia, embora ainda houvesse simpatizantes dos anos de chumbo dentro do meio futebolístico, como por exemplo, o presidente da Federação de Futebol do Piauí, entre 1979 e 1984: Joffre do Rego Castelo Branco; o presidente do Corinthians, entre 1971 e 1981: Vicente Mateus e o jogador Leão, que atuou no Corinthians em 1983 e foi oposição ao movimento da Democracia Corinthiana, alegando que via o movimento democrático dentro do Corinthians como um lugar de liberdade, no qual poderia falar o que pensasse e seria respeitado, mesmo que falasse contra a própria democracia.³ Até

¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Diretas Já! Vozes das cidades. In: REIS, Daniel Aarão e FERREIRA, Jorge (orgs.). Revolução e democracia (1964-...). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007, p.414.

² Sobre a quebra do estigma do futebol como instrumento de alienação, ver: MAGALHÃES, Livia G. *O apito inicial: a institucionalização do futebol no Brasil e na Argentina*. In: Renata Torres Schittino e Janaina Martins Cordeiro (org). Caminhos da História Política: os 20 anos do NEC/UFF. Led. Niterói: PPG História-UFF, 2016, p.15-36.

³ PLACAR, n°668. Editora Abril. 11 de março de 1983, p.9.

entre a imprensa houve embate entre os apoiadores das militâncias futebolísticas pró-democracia e os que eram contra, como foi o caso do embate entre os jornais paulistas Estadão e Folha de S. Paulo durante as eleições para presidente no Corinthians no período conhecido como Democracia Corinthiana. O primeiro jornal atacava a chapa da Democracia em seus editoriais, enquanto o segundo defendia o movimento dentro do clube paulista, em 1983.⁴ Então, mesmo nessa efervescência política dentro dos clubes de futebol brasileiro que defendiam a democracia, existiam seus opositores e apoiadores do governo ditatorial civil-militar.

O sociólogo Richard Giulianotti afirma que o futebol, assim como outras práticas esportivas, é influenciado pelo contexto mais amplo e ao mesmo tempo o influencia.⁵ Sendo assim, os jogadores, torcedores, jornalistas, dirigentes entre outras pessoas que compõem o meio futebolístico terminam trazendo para dentro do jogo questões sociais que os permeiam, assim, o futebol termina servindo como espelho que pode refletir a ânsia de um povo. Por outro lado, o próprio futebol, com suas características próprias, termina levando os indivíduos a acreditarem que aquele espaço é digno de receber aquele tipo de manifestação, já que esse é um esporte coletivo, que necessita de organização tática e estratégias para vencer o adversário e permite a reunião de pessoas com o propósito de torcer, para que um time saia vencedor.

No futebol brasileiro dos anos 1980, se pode perceber que o contexto social passou a influenciar o jogo brasileiro e que suas características particulares permitiram o seu uso na campanha de redemocratização e nas Diretas Já!. No entanto, este uso só foi permitido, pois a particularidade do jogo foi favorável à tendência daqueles que defendiam a democracia, tanto em resultados- do elenco corintiano da primeira metade da década de 1980 e dos juniores do Cruzeiro de 1984, por exemplo- quanto no alinhamento de alguns atletas e dirigentes- Sócrates, Sima e Adilson Monteiro Alves são alguns exemplos-, que aproveitaram de sua boa fase no esporte, para alinhar seus ideais sociais a uma vertente que efervescia na sociedade brasileira, no caso a luta por democracia. Isso só mostra que a relação entre política e futebol está contida em um equilíbrio flutuante das tensões, assim como diz Luiz Carlos Ribeiro.⁶ Nesse sentido, observa-se o regime de Franco- que usou o Real Madrid e o estádio do Santiago Bernabéu como forma de propaganda do regime Fascista espanhol⁷- e a própria Ditadura Civil-Militar brasileira- que usou a conquista da Copa do Mundo de 1970, para demonstrar a prosperidade do governo⁸ durante a década de 70, porém viu seu plano de utilização do futebol como propaganda de governo fracassar com os resultados dos Mundiais seguintes.⁹

⁴ Sobre o embate entre a imprensa paulista em torno da Democracia Corinthiana, ver: MARTINS, Mariana Zuaneti. Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores. Acesso em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275015>>. Acesso: 9 de dez. 2018.

⁵ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo. Nova Alexandria, 2002, p. 11.

⁶ RIBEIRO, Luiz Carlos. *Brasil: futebol e identidade nacional*. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>>. Acesso: 08 de set. 2019.

⁷ FREIXO, Adriano de. *Futebol. O outro lado do jogo*. São Paulo. Desatino, 2014, p. 27.

⁸ Idem, p.66.

⁹ RIBEIRO, Luiz Carlos. *Brasil: futebol e identidade nacional*. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>>. Acesso: 08 de set. 2019.

A revista *Placar* foi um exemplo de material esportivo, que apoiou a campanha da redemocratização dos anos 80. A revista, da Editora Abril, foi criada em 1970 para retratar a Copa do Mundo que aconteceria naquele ano, sendo a um projeto que foi arquivado desde a Copa de 1950 por falta de recursos financeiro da editora naquela década. Aproveitando-se do bom momento econômico e da criação da Loteria Esportiva Federal, Victor Civita, dono da editora, lançou a *Placar*, com o intuito de levar ao leitor uma reportagem esportiva diferenciada da imprensa tradicional.¹⁰

No ponto de vista crítico, a revista esportiva da Editora Abril divergia de ideias da Ditadura Civil-militar, diferente de outras revistas da época como *O Cruzeiro* e *Manchete*.¹¹ Além disso, *Placar* também assumiu uma postura crítica à estrutura do esporte no país, embora não fizesse ponderações mais agudas sobre a ingerência governamental no campo esportivo.¹² No entanto, apesar de tentar manter uma linha mais objetiva e esportiva evitando atritos com o regime, durante a década de 1980, *Placar* contou com capas e reportagens, que apoiavam a participação de jogadores de futebol no contexto político brasileiro. Além da própria revista fazer capas que apoiaram a campanha das Diretas Já! e reportagens que extraíam opiniões políticas dos jogadores, já que os próprios faziam questão de expressar sua opinião e manifestação política. Muito dessa vertente adotada pela revista no início dos anos 1980 passou pelas mãos de Juca Kfourri, que trabalhava na revista desde seus inícios no Dedoc (Departamento de Documentação), até que, em um momento de crise, foi chamado para chefiar a reportagem da revista, em 1974¹³ e organizou a denúncia a Máfia da Loteria Esportiva, em 1982, quando placares eram combinados através do suborno de jogadores e árbitros.¹⁴

Exemplos de capas lançadas pela *Placar* e que fazem contexto com o momento político do período no qual o país vivia são referentes a edição de novembro de 1983, na qual está estampada a frase: “*vote direto para técnico da seleção neste Placar*”,¹⁵ uma clara alusão e defesa a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, que seria votada em abril do ano seguinte. Outra capa traz o jogador Sócrates, vestido de Dom Pedro I e estampando a frase: “*Se o Brasil mudar eu fico*”,¹⁶ frase mencionada pelo jogador corintiano que colocou em jogo sua permanência no país mediante a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, que previa o voto direto para presidente em 1984.¹⁷

¹⁰ MARCZAL, Ernesto Sobocinski. “O caneco é nosso”: futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970. Dissertação (Mestrado em História UFPR): 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br>>. Acesso: 08 de set. 2019.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ FRREIRA, Daniel. *Visões de um Jogo e o Jogo das Visões*. Dissertação (Mestrado em História) UFPR: 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br>>. Acesso: 08 de set. 2019.

¹⁴ Sobre o relato de Juca Kfourri em relação à Máfia da Loteria ver sua entrevista ao programa Voz Ativa da Rede Minas : <<https://www.youtube.com/watch?v=RaRkaRax1os>>. Acesso: 9 de dez. 2018.

¹⁵ PLACAR, n° 704. Editora Abril. 18 de novembro de 1983.

¹⁶ PLACAR, n° 727. Editora Abril. 27 de abril de 1984.

¹⁷ ANEXO, imagem 13.

Uma outra matéria, realizada em 1982, fez uma pesquisa com os jogadores Sócrates (Corinthians), Cléo (Internacional), Paulo Sérgio (Botafogo) e Reinaldo (Atlético-MG), para que pudessem dar sua opinião sobre qual seria seu plano de governo, caso fossem eleitos governadores de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gérias, respectivamente.¹⁸ A matéria foi feita no contexto das eleições diretas para governador realizadas em 1982. O jornalista Juca Kfourí –colunista da *Placar*- relatou, que o jogador Zico (Flamengo) foi convidado para representar o estado do Rio de Janeiro, mas diante de sua recusa, foi substituído pelo goleiro do Botafogo. O interessante é o relato de Kfourí e Marco Aurélio Borba- jornalista responsável pela entrevista com os jogadores e por escrever o artigo-, que afirmaram que tal matéria foi publicada com atraso, porque o jogador Sócrates “levou a sério a brincadeira” e fez um plano de governo digno de um governante democrático e que estaria pronto para assumir o Palácio dos Bandeirantes, a sede do governo estadual paulistano. O jogador corintiano, diferente dos outros, desenvolveu detalhadamente um plano de governo para as áreas de trabalho, habitação e solo, saúde, educação e alimentação. Os outros três candidatos tocaram também nesses pontos, mas não o desenvolveram como Sócrates. No entanto, a experiência mostrou que todos os jogadores tinham uma opinião política e ideias para a otimização do país.

A crítica da revista ficou por conta das ideias políticas do jogador Reinaldo, as quais não consideraram “democráticas”, já que o jogador defendia um governo baseado no “socialismo primitivo”. É compreensível os editores criticarem o plano de governo idealizado pelo jogador atleticano, uma vez que o Brasil já vivia um regime, no qual os direitos políticos estavam se abrindo naquele momento, porque, até então, estavam totalmente engessados. O objetivo era trazer ideias democráticas, de respeito, liberdade de expressão e auxílio ao povo. Contudo, foi a vez da revista agir com democracia e respeitar a opinião política expressada pelo jogador, assim como respeitou a recusa da participação do jogador Zico. Mas, essa brincadeira quebrou o estigma do jogador despolitizado, que Juca Kfourí soube expressar muito bem em suas palavras: “E pensar que até bem pouco tempo não se tirava uma declaração política de ídolos do esporte nacional ...”.¹⁹

O Pelé do Nordeste e o confronto ao coronel. O futebol no interior do país

Não apenas com a instigação da revista *Placar* ou de outros meios midiáticos é que os jogadores de futebol manifestavam sua opinião política. Eles o faziam por conta própria. Foi o caso do atacante e maior artilheiro do Norte-Nordeste de todos os tempos, Simão Teles Bacelar,

¹⁸ PLACAR, n° 647. Editora Abril. 15 de outubro de 1982, p. 18-22.

¹⁹KFOURI, Juca. *Quem disse que jogador não pensa bem?*. PLACAR, n° 647. Editora Abril. 15 de outubro de 1982, p.3.

o Sima, também conhecido como o “Pelé do Nordeste”.²⁰ Em notícia dada pela revista *Placar*, em 1981, o artilheiro, que atuava pelo Ríver do Piauí, declarou que pensava disputar uma cadeira para vereador de Teresina, nas eleições de 1982, para falar de “igual para igual” com Joffre do Rego Castelo Branco, que era presidente da Federação de Futebol do Piauí e vereador, “há muitos anos”.²¹

A rixa entre jogadores do Piauí e o então presidente da Federação de Futebol do estado era antiga. Joffre do Rego Castelo Branco era oficial da reserva do Exército e Coronel da Polícia Militar. Durante o Regime civil-militar, Joffre Castelo Branco foi prefeito da cidade de Teresina, de 1967 a 1969, após outorgarem o Ato Institucional n° 2 (AI-2). Depois desse período foi vereador da mesma cidade (1970-1979), sempre sendo eleito pela ARENA, partido de situação da Ditadura.

No âmbito esportivo, o coronel Joffre foi presidente da Sociedade Esportiva Tiradentes, clube fundado pela Polícia Militar, e Presidente da Federação de Futebol do Piauí, entre 1979 e 1984. Joffre Castelo Branco foi um dos políticos da ARENA, integrante do movimento, que culminou no inchaço do Campeonato Nacional de futebol. Segundo Daniel Araújo dos Santos, ficou mais evidente o descontentamento da exclusão do Campeonato Nacional, por parte dos arenistas do interior do Brasil, o que colocava em xeque o plano de “integração nacional” do governo civil-militar. Para satisfazer esses partidários, e evitar a criação de campeonatos paralelos e a fragmentação política, o governo aceitou integrar times do interior do país e, conseqüentemente, aumentar o número de participantes do campeonato.²²

A peculiaridade da integração de times do estado do Piauí nos campeonatos nacionais de futebol fica por conta da arbitrariedade de como a seleção era feita. O primeiro time a representar os piauienses, no novo formato do campeonato nacional criado, em 1971, foi o Tiradentes, o clube fundado pela Polícia Militar, que derrotou o Ríver e o Flamengo-PI num seletivo regional realizado para escolher o representante do estado naquela edição do campeonato de 1973. O amarelão da Polícia surpreendeu a todos e conseguiu ficar em décimo nono lugar de quarenta equipes que disputaram o nacional daquele ano. Esse feito faria os governantes da ARENA utilizarem de sua influência política para manter o time militar atuando no nacional, por meio do boicote das regras.

No ano seguinte, o representante do Piauí no Campeonato Nacional seria o campeão do Campeonato Estadual, que foi vencido pelo Ríver. Porém, a Federação e os governantes piauienses acharam conveniente mandar o vice-campeão Tiradentes para a disputa do Campeonato Nacional, já que havia feito uma boa campanha no ano anterior. Em 1975, o processo seletivo seria o mesmo, mas não houve tempo de organizar as finais do Estadual e definir um campeão do Piauí. Então, mais uma vez, entrou em cena o dedo dos políticos da

²⁰ Sobre uma breve biografia de Sima: <<http://globoesporte.globo.com/pi/noticia/2013/03/pele-do-nordeste-sima-completa-65-anos-e-aposta-em-titulo-do-river-pi.html>>. Acesso: 27 de nov. 2018.

²¹ PLACAR, n° 556. Editora Abril. Janeiro de 1981, p.10.

²² SANTOS, Daniel de Araujo dos. *Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*. 2012. Dissertação de Mestrado, p. 99-101.

ARENA conchavados com a Federação de Futebol do Piauí, que entre Tiradentes e Ríver, escolheram, outra vez, o time da Polícia Militar.

Diante desse cenário, o Ríver desistiu de disputar o Campeonato Estadual do ano seguinte e tudo se encaminhava para mais uma indicação do Tiradentes. Porém, em 1976, jogadores do Tiradentes se envolveram no assassinato do empresário piauiense Jacob Ferreira Lima, o que resultou na desativação do departamento profissional de futebol do clube até 1978. Com isso, o time da Polícia Militar ficou algum tempo sem participar do Campeonato Nacional e sem receber o apoio político e financeiro do Governo do Piauí.²³

Em toda essa história, o atacante Sima participou ativamente desse contexto do futebol piauiense. Começou se destacando, em 1971, pelo Piauí, time da camada popular do estado. Daí atuou pelo time da Polícia Militar de 1973 a 1976, disputando os Campeonatos Nacionais pelo Tiradentes e vendo, de dentro do clube, a administração do Coronel Joffre Castelo Branco. Após a desativação do clube Amarelão da Polícia Militar, o artilheiro se transferiu para o Ríver, onde atuou de 1977 até 1981, participando do período em que o ex-presidente do Tiradentes havia se tornado presidente da Federação de Futebol do Piauí. Esse convívio político, dentro do contexto da década de 1970, fez com que o atacante pontuasse a declaração de sua participação política, no início da década de 1980, momento no qual o Brasil vivia o processo de abertura democrática e a nação aproveitava esse momento, para confrontar os agentes pró-Ditadura, assim como Sima fez com Joffre Castelo Branco. No final, o Pelé do Nordeste apenas continuou jogando futebol e fazendo seus gols, enquanto o coronel Joffre Castelo Branco continuou fazendo parte da política do Piauí, integrando do diretório municipal do PDS, em 1985²⁴ e 1986.²⁵

A juventude engajada na redemocratização. Os meninos cruzeirenses.

Não só os jogadores de futebol profissionais, mas os jogadores de base também estavam engajados politicamente. Enquanto alguns jovens iam às ruas tomando partido pelos estudantes, através de sua associação a UNE, ou pela Igreja Católica, ou apenas participando dos comícios e lutando por democracia, os jovens da base do Cruzeiro, em 1984, se inspiraram no movimento e decidiram fazer uma greve de jogadores, se recusando a treinar e ficando parados na frente do centro de treinamento. Coincidentemente, a greve de jogadores do Cruzeiro foi deflagrada no mesmo dia que houve um comício pelas Diretas Já! no Rio de Janeiro (21 de março de 1984).

²³ Sobre a história da seletiva piauiense para o Campeonato Nacional da década de 1970, ver: <<http://teresinaantiga.com/clubes-teresinenses-no-brasileiro-serie-a.php>> e

<<http://piaui.portalbrasilcontemporaneo.com.br/verbete/o-futebol-no-piaui/>>. Acesso: 27 de nov. 2018.

²⁴ ARQUIVO NACIONAL.
<http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/qqq/85002923/br_dfanbsb_v8_mi_c_gnc_qqq_85002923_d0001de0002.pdf>. Acesso: 28 de nov. 2018.

²⁵ Idem.
<http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/qqq/86003267/br_dfanbsb_v8_mi_c_gnc_qqq_86003267_d0001de0001.pdf>. Acesso: 28 de nov. 2018.

Os juniores do Cruzeiro, que eram os atuais campeões mineiros da categoria, aproveitaram-se do momento político vivido pelo país e pela moral que haviam conquistado, já que o time de profissionais havia tido um péssimo desempenho na Copa Brasil daquele ano, sendo eliminado ainda na primeira fase do torneio, para reivindicar direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho. Os juniores cruzeirenses reivindicavam maior ajuda de custo, melhores condições de treinamento- eles afirmavam que eram obrigados a treinarem com uniformes rasgados- e maior assistência por parte dos dirigentes. A diretoria do Cruzeiro procurou solucionar o caso com cautela, já que via em sua divisão de base a solução para os problemas, que se apresentavam na equipe profissional.²⁶

Embora o discurso da diretoria fosse de cautela, o técnico dos profissionais, Osvaldo Brandão, alegava que a solução para o elenco cruzeirense viria através de contratações de “alto nível” e não da base. Essa declaração foi tratada como polêmica, já que o técnico era conhecido como incentivador das categorias de base. No entanto, Brandão já se mostrava retrógrado em seu estilo de comando, desde o início dos anos 1980, quando foi demitido do Corinthians abrindo espaço para ares democráticos no time paulista e inauguração da Democracia Corinthiana. Então, a presença do técnico dentro do elenco cruzeirense representava um sistema engessado ligado ao autoritarismo característico do período da Ditadura Civil-Militar e que desanimava os jovens cruzeirenses de realizar o sonho de serem jogadores profissionais, já que alguns deles estavam estourando a idade limite dos juniores.²⁷

A preocupação de estourarem a idade e não se tornarem jogadores profissionais, que os meninos do Cruzeiro sofriam, está ligado às características de condição de vida do jovem das classes subalternas urbanas durante o final do século XX, expressadas por Richard Giulianotti.²⁸ Entre essas características estão: o desemprego, o analfabetismo, habitações pobres, desnutrição e doenças crônicas, o que não favorece a prática esportiva e muito menos a uma perspectiva de futuro promissor dentro de uma carreira trabalhista fora do futebol, já que dedicaram sua juventude ao futebol, mesmo que em condições desfavoráveis, e não estudaram ou se especializaram em um ofício, sem contar com a situação financeira que o Brasil atravessava no início dos anos 1980, favorável ao desemprego entre as camadas menos favorecidas da sociedade, nas quais estavam inseridos os juniores cruzeirenses.

Contudo, a péssima situação trabalhista e de recursos de treinamento, que os jovens da base do Cruzeiro sofriam, estava ligada à crise econômica dentro do clube. A construção do centro de treinamento da Toca da Raposa, para abrigar o elenco profissional cruzeirense e a Seleção Brasileira, durante a década de 1980, causou uma crise financeira dentro do clube, o que levou ao abandono da categoria de base e do futebol feminino do clube, que treinavam no estádio JK, no Barro Preto, em Belo Horizonte, onde as condições eram péssimas. O campo do

²⁶ FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 22 de março de 1984. Esportes, p.28.

²⁷ Idem.

²⁸ GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo. Nova Alexandria, 2002, p. 56.

Barro Preto não possuía gramado e estava cheio de buracos, o que causava lesões nos jogadores devido a entorses de tornozelo.²⁹

Mediante a essa crise econômica, a péssima fase que o time profissional vivia e o abandono realizado as categorias de base, leitores da Revista *Placar* enviaram cartas denunciando a situação do Cruzeiro para a revista esportiva, que não perdeu tempo e fez uma série para abordar o problema cruzeirense, numa série de seis semanas denominada “S.O.S Cruzeiro”, na qual os leitores mandavam cartas para tentar solucionar a crise cruzeirense, além de tentarem arrecadar fundos para solucionar a crise financeira do clube mineiro. Foram quase duzentas cartas enviadas a *Placar* de catorze estados diferentes e até do exterior.³⁰ Segundo Giulianotti, esse fenômeno está atrelado ao apoio do modelo “público nacional”, no qual os torcedores seguem princípios utilitaristas, cujo times vencedores acumulam seguidores e times perdedores são abandonados.³¹ O Cruzeiro havia formado sua torcida em âmbito nacional, após ter vivido grandes conquistas nas décadas de 1960 e 1970, entre elas a Taça Brasil de 1966 e a Copa Libertadores da América de 1976. A intenção dessa torcida era ver o time se tornar vitorioso novamente nos anos 1980, antes que perdesse o *status* de time campeão, que havia conquistados nas décadas anteriores.

A campanha da *Placar*, “S.O.S Cruzeiro” foi da edição Nº 718, de 24 de fevereiro de 1984, até a edição Nº 723, de 30 de março de 1984. Porém, o caso dos jovens da base só foi tratado com afinco a partir da terceira edição da série³² e o ponto foi levado até o final dela. Alguns grandes jogadores que aturam no clube durante os anos 1960 e 1970 foram convidados para dar entrevistas e falar sobre o caso da base cruzeirense e da polêmica declaração do técnico Brandão, que via a solução na contratação de novos jogadores, preterindo a efetivação dos juvenis ao time profissional. Os ex-jogadores Piazza³³ e Jairzinho concordaram com a afirmação do técnico, embora o último tenha feito a ponderação de que deveria haver uma mistura entre jogadores de alto nível e juvenis. O único que foi totalmente contrário a ideia de Brandão foi o ex-goleiro Raul, que defendeu a valorização dos jogadores das divisões de base.³⁴

Contudo, o ponto em comum na crítica dos três ex-jogadores estava na má administração do clube pelo presidente Carmine Furletti. A ideia do presidente para tirar o Cruzeiro da crise financeira era construir um complexo esportivo comercial e de lazer na área onde ficava o estádio JK, campo de treinamento dos juniores. Em contrapartida, as soluções propostas pela Associação de Torcidas Organizadas do Cruzeiro (ASTOCA) eram: promover maior apoio às categorias de base, comprar jogadores de nome, estudar o aproveitamento do

²⁹ PLACAR, nº 721. Editora Abril. 16 de março de 1984, p.47.

³⁰ PLACAR, nº723. Editora Abril. 30 de março de 1984, p. 60.

³¹ GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo. Nova Alexandria, 2002, p. 55.

³² PLACAR, nº 721. Editora Abril. 16 de março de 1984, p. 46-47.

³³ Idem.

³⁴ PLACAR, nº 722. Editora Abril. 23 de março de 1984, p. 61.

quarteirão do Barro Vermelho, onde estava localizado o estádio JK e dispensar 80% do elenco contratado.³⁵

O fato é que os juvenis do Cruzeiro não esperaram para ver qual proposta iria vigorar para solucionar os problemas do clube. Deflagraram uma greve e colocaram em pauta suas reivindicações que circundavam entre maior ajuda de custo e melhores condições de treinamento. O apoio da torcida, de uma campanha na revista esportiva de maior circulação no país na década de 1980, movimentos sociais estourando em todas as capitais do país exigindo a volta da democracia e Diretas Já!, além, claro, de um movimento democrático dentro do futebol e que estava fazendo sucesso- a Democracia Corinthiana- impulsionaram os jovens cruzeirenses a tomarem uma atitude de gente grande, que também era percebida nos movimentos grevista do ABC paulista. Fora isso, a situação político-econômica apresentada pelo Cruzeiro, no início dos anos 1980, se assemelha muito com a condição nacional- crise econômica e ingerência administrativa da Ditadura Civil-Militar-, que permitiu a eclosão dos diversos movimentos sociais do período, que buscavam redemocratizar o país. Sendo assim, o movimento grevista dos meninos cruzeirenses fazem contexto com o clima político-social vivido no Brasil na primeira metade da década de 1980.

O grande momento do futebol nos anos 1980: a Democracia Corinthiana.

A Democracia Corinthiana, costumeiramente exibida pela Revista *Placar*, também foi um movimento, que marcou a atuação de jogadores de futebol dentro do âmbito político da redemocratização, entre o final de 1981 e início de 1985. Esse movimento futebolístico com reivindicações políticas foi o mais agudo nesse período e, por isso, merece uma explicação mais detalhada.

O movimento que arrebatou jogadores, dirigentes, funcionários e a torcida, entre 1982 e 1985, não começou com esse belo nome que ia de encontro ao governo ditatorial de Figueiredo. O movimento foi construído durante esse período e só recebeu esse nome nas eleições políticas dentro do clube em 1983, na qual a chapa liderada pelo Presidente Waldemar Pires e seu vice Adilson Monteiro Alves adotaram o nome Democracia Corinthiana criado pelo marqueteiro Washington Olivetto, após um debate ocorrido no Tuca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) a respeito do movimento democrático que ocorria no Corinthians.³⁶ Enquanto o movimento corintiano não tinha um nome oficial, a imprensa atribuiu adjetivos relacionados a democracia, como “revolução corintiana”³⁷ e “time da abertura”.³⁸

No entanto, o contexto no qual a Democracia Corinthiana foi criada era algo que beirava o autoritarismo que a nação vivia no âmbito político, o que pode explicar a identificação dos

³⁵ PLACAR, n°723. Editora Abril. 30 de março de 1984, p. 60.

³⁶ < <https://www.youtube.com/watch?v=lbgyHs1PsJI>>, tempo:20:53. Acesso: 8 de dez. 2018.

³⁷ PLACAR, n°657. Editora Abril. 24 de dezembro de 1982, p.6-9.

³⁸ PLACAR, n°677. Editora Abril. 13 de maio de 1983, p.12-13.

democratas corinthianos com a defesa das pautas políticas de redemocratização levantadas pelo país, como o voto direto para governador, em 1982, e as Diretas Já!, em 1984.

No Corinthians, entre 1971 a 1981, Vicente Matheus foi presidente do clube e teve sua gestão reconhecida por sua autoridade centralizadora, paternalista e antidemocrática -se alinhando com o regime ditatorial que estava em vigor no país- mais do que pelos próprios títulos conquistados no período. Contudo, nas eleições de 1981, Matheus não poderia se candidatar a presidente novamente, porém, a fim de manter sua linha autoritária ele decidiu se candidatar a vice e lançou Waldemar Pires como presidente em sua chapa. Pires ganhou as eleições, no entanto, decide administrar o clube como presidente de fato, não seguindo as instruções de V. Matheus, o que fez o antigo mandatário se afastar da administração do clube.

Após o afastamento de Vicente Matheus, Waldemar Pires integrou a diretoria do clube o jovem Adilson Monteiro Alves, filho do seu agora vice-presidente Orlando Monteiro Alves, um sociólogo formado na Universidade de São Paulo (USP) e que não tinha nenhuma habilidade em gerenciar um clube de futebol, mas que garantiu que sua experiência dos tempos de estudante nos grêmios recreativos, na União Estadual de Estudantes e na União Nacional dos Estudantes (UNE) eram o suficiente para conseguir gerir um grupo de pessoas, com um mesmo objetivo em comum, sem qualquer viés autoritário e reacionário.³⁹

Nessa linha de pensamento, Adilson foi apresentado aos jogadores, em novembro de 1981, e passou algumas horas conversando com eles e perguntando qual seria a melhor forma de administrar o time, o que eles poderiam acrescentar como profissionais que já estavam no ramo há bastante tempo. Enfim, Adilson Monteiro Alves deu a oportunidade, para que os jogadores do Corinthians pudessem opinar na administração do clube e sugerir novas ideias, algo que era inconcebível na década de 1980, já que a estrutura do futebol era feita de cima para baixo, e não de baixo para cima, assim como estava sugerindo o novo diretor de futebol do Corinthians.

Embora o novo modelo de gestão corinthiano tenha sido o gatilho para o movimento democrático dentro do Corinthians, existiram outros fatores que contribuíram para a formação da Democracia Corinthiana nesse período. O início da década de 1980 era o período em que estava se falando de abertura política no país e de redemocratização, os jovens estavam se engajando em coletivos que buscavam lutar contra o autoritarismo da Ditadura e o sindicato dos metalúrgicos no ABC Paulista se movimentava, para conseguir melhores condições trabalhistas. Dentro desse caldeirão nacional, o elenco corinthiano possuía os ingredientes certos para iniciar seu processo de abertura e construção democrática.

A média de idade do time, no final de 1981 e início de 1982, era de 23 anos e cinco meses, ou seja, era um time relativamente jovem, reunia jogadores que não estavam satisfeitos com suas condições de trabalho e ainda carregavam marcas do autoritarismo do ex-presidente

³⁹ PLACAR, n° 732. Editora Abril. 1 de junho de 1984, p. 35-38.

Vicente Matheus. Além disso, possuíam jogadores instruídos politicamente, destoando da maioria dos times brasileiros.

Um exemplo da politização do plantel corintiano ficou por conta das eleições de 1982, quando o Corinthians era a equipe que tinha o maior número de jogadores filiados a partidos políticos, todos de oposição.⁴⁰ Isso fica evidente quando se observa que jogadores do elenco corintiano, como Biro-Biro foi lançado oficialmente como vereador pela legenda do PTB⁴¹- embora tenha renunciado à candidatura antes das eleições⁴²- e Zé Maria tenha sido lançado como vereador do PMDB tendo sido eleito ao cargo.⁴³ Casagrande, Wladimir, Mauro, Wagner e o diretor Adilson Monteiro Alves faziam campanha para o PT ao lado de Lula,⁴⁴ enquanto Sócrates declarava abertamente ser eleitor do PMDB,⁴⁵ inclusive participando dos comícios do partido e dando apoio à candidatura do companheiro de time, Zé Maria.⁴⁶

Dentro de campo, em votação interna envolvendo os jogadores, direção e funcionários do clube, a maioria dos democratas decidiram estampar nas costas da camisa do uniforme a frase: “Dia 15 vote”⁴⁷, no local que era destinado a exibição do patrocinador do time, segundo uma portaria do Conselho Nacional de Desporto (CND), que autorizou o uso de publicidade na camisa dos times de futebol.⁴⁸ A frase fazia alusão ao dia 15 de outubro de 1982, a data que estava marcada, para ocorrerem as eleições diretas para governador. A ideia foi de estampar uma frase de incentivo a participação da sociedade no pleito eleitoral, já que o Corinthians possuía, e ainda possui, uma das maiores torcidas do Brasil, o que faz com que um movimento vindo da parte desse clube alcançasse uma grande parte da sociedade brasileira e, assim, contribuíssem para o movimento de redemocratização do país. No entanto, a frase “dia 15 vote” só foi estampada em um jogo, pois, segundo Juca Kfourir, a frase foi vetada para o jogo seguinte com ordens autoritárias, ameaçando o Corinthians de punição, ameaça vinda da parte do governo ditatorial que ainda vigorava.⁴⁹

Não só externamente, mas internamente a Democracia Corinthiana sofreu ataques para que fosse dissolvida enquanto durou. Um grande exemplo foram as eleições ocorridas no Corinthians, em 1983. A chapa intitulada Democracia Corinthiana era encabeçada por Waldemar Pires- presidente- e Adilson Monteiro Alves- vice-, enquanto a chapa de oposição se chamava “Ordem e Verdade” e trazia como candidato a presidente, o antigo mandatário, Vicente Matheus. Apenas pelo nome das chapas se pode observar que havia uma disputa política entre uma linha

⁴⁰ ARQUIVO NACIONAL. < br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_86055307_an_03_d0001de0001.pdf>, p.225. Acesso em: 28 de nov. 2018.

⁴¹ PLACAR, nº637. Editora Abril. 6 de agosto de 1982, p.19.

⁴² PLACAR, nº640. Editora Abril. 27 de agosto de 1982, p.7.

⁴³ PLACAR, nº654. Editora Abril. 3 de dezembro de 1982, p.10.

⁴⁴ PLACAR, nº644. Editora Abril. 24 de setembro de 1982, p.40-41.

⁴⁵ PLACAR, nº641. Editora Abril. 3 de setembro de 1982, p.38-41.

⁴⁶ PLACAR, nº644. Editora Abril. 24 de setembro de 1982, p.40-41.

⁴⁷ SILVA, Edson Pimentel da. Anexo, figura 1. *A Democracia Corinthiana e o processo político-social das Diretas Já!*

⁴⁸ PLACAR, nº635. Editora Abril. 23 de julho de 1982, p.27.

⁴⁹ Sobre o relato de Juca Kfourir: < <https://www.youtube.com/watch?v=lbgyHs1PsJI>>, tempo:33:12. Acesso: 8 de dez. 2018.

democrática contra outra autoritária. As eleições no Corinthians estavam representando o embate dentro do contexto nacional, entre democracia e ditadura.

Nesse período foi que os jogadores do Corinthians passaram a vestir a camisa estampando o escrito “Democracia Corinthiana”, um claro apoio à chapa de Pires e Monteiro Alves, que proporcionaram o protagonismo político, dentro do clube, aos jogadores corinthianos e que tinham ganhado o Campeonato Paulista de 1982.

No dia da eleição, 7.492 eleitores dos 30.301 eleitores habilitados compareceram à votação no Corinthians. Entre os eleitores se encontravam anônimos e famosos, como, por exemplo, José Monteiro- que era assessor do senador João Calmon-, Ricardo Montoro- filho do então governador de São Paulo, Franco Montoro-, Flávio Gikovate- que era psicólogo do time de futebol do Corinthians- entre outros nomes. Além deles, outras personalidades famosas da sociedade brasileira compareceram no Parque São Jorge naquele dia, mesmo não sendo votantes e muito menos corinthianos, como foi o caso do presidente da Federação Paulista de Futebol, José Maria Marin,⁵⁰ e do então deputado Eduardo Suplicy.⁵¹

Por mais que o número de votantes pareça inferior ao número de pessoas que poderiam votar, é importante ressaltar que as eleições de um clube esportivo, com ênfase no futebol, não tomavam as proporções que as eleições de 1983 no Corinthians tomaram. Não era fácil que mais de sete mil pessoas comparecessem a tais eleições. Mas, também é importante se destacar que essa mobilização contou com o apoio das torcidas organizadas, como a Gaviões da Fiel e a Camisa 12, que mobilizaram os associados a comparecerem no Parque São Jorge e votarem contra Vicente Matheus.⁵² No final, a chapa Democracia Corinthiana saiu vitoriosa mantendo Waldemar Pires como presidente do Corinthians e, agora, Adilson Monteiro Alves como vice-presidente do clube

Outro movimento político ocorrido na sociedade brasileira e que recebeu o apoio incisivo da Democracia Corinthiana foram as Diretas Já!. Esse movimento defendia a aprovação da Emenda Dante de Oliveira que propunha a eleição direta para presidente, já no ano de 1984, pois essas eleições estavam marcadas para ocorrerem de maneira indireta. A votação da emenda aconteceria em 25 abril de 1984, e sabendo disso, a população brasileira, que ansiava pela abertura democrática, começou a se mobilizar junto aos partidos de oposição e a convocarem comícios nas capitais estaduais do país, para reivindicarem Diretas Já!. A primeira aconteceu, em 15 de junho de 1983, em Goiânia⁵³.

⁵⁰ José Maria Marin era filiado ao PDS e durante a Ditadura civil-militar apoiou a ditadura, sendo filiado ao ARENA. Recentemente chegou ao cargo de presidente da CBF, onde ficou de 2012 a 2015, até ser condenada pela justiça americana por fraudes cometidas na instituição, enquanto ocupava o cargo máximo.

⁵¹ PLACAR, n°668. Editora Abril. 11 de março de 1983, p.14-15.

⁵² MARTINS, Mariana Zuaneti. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*. Acesso em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275015>>, p.83. Acesso: 9 de dez. 2018.

⁵³ Sobre o processo das Diretas Já!, ver SILVA, Edson Pimentel da. Capítulo 2: A década de 1980. Economia, política e futebol no cenário da redemocratização brasileira. *A Democracia Corinthiana e o processo político-social das Diretas Já!*

Na luta pelas Diretas, os democratas corinthianos não puderam estar nos primeiros comícios, pois estavam ainda na disputa do Campeonato Paulista de 1983. Mas, no jogo final contra o São Paulo, que proporcionou o bicampeonato paulista ao Corinthians, os jogadores entraram em campo carregando uma faixa, que estava escrito⁵⁴: “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.⁵⁵ A faixa foi idealizada por Adilson Monteiro Alves⁵⁶ e a ideia foi aceita pelos jogadores, como uma defesa a Democracia Corinthiana, mas também um apoio ao movimento político-social que começara no país.

Já no Campeonato Nacional de 1984, o time corinthiano decidiu, mais uma vez, mostrar seu caráter político e apoiar um movimento político-nacional, em defesa da democracia e apoio as Diretas Já!. Em um jogo, ainda na fase preliminar do torneio, os jogadores do Corinthians combinaram de entrar em campo com tornozeleiras, fitinhas de pulso, solas ou laterais da chuteira com a cor amarela, em apoio ao movimento das diretas⁵⁷.

Ainda no início de 1984, Sócrates recebeu mais uma proposta- o Doutor já havia recebido propostas do exterior nos anos anteriores- para jogar no futebol italiano e a rejeitou, por acreditar que se saísse do país naquele momento, poderia deixar de contribuir para o desenvolvimento político da nação, através de sua participação na campanha das Diretas Já! e da Democracia Corinthiana.⁵⁸

No comício, do qual participou, em 16 de abril de 1984- o maior comício realizado pelas Diretas Já!, em relação a quantidade de participantes- Sócrates subiu ao palco da manifestação junto com os jogadores Juninho, Ataliba, Casagrande, Wladimir, Alfinete e outros atletas de clubes diferentes, embora o último nome citado já não fizesse mais parte do elenco corinthiano de 1984. Além dos jogadores, a campanha pelas Diretas, que terminou no Vale do Anhangabaú, contou com a presença do vice-presidente do Corinthians Adilson Monteiro Alves. Porém, foi neste comício que Sócrates condicionou sua permanência no Brasil a aprovação da Emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional, que seria votada no dia 25 de abril de 1984.⁵⁹ Tal atitude, lhe rendeu uma capa na revista *Placar* vestido de Dom Pedro I, uma alusão ao “dia do fico” entoado pelo monarca luso, no início do século XIX.

No entanto, os deputados do PDS não tiveram clemência, ou simplesmente, não ouviram a voz do povo brasileiro que gritara por Diretas Já! nos comícios pelo Brasil afora e impediram que a Emenda Dante de Oliveira fosse aprovada ao não alcançar os dois terços dos votos que eram necessários. Após a derrota da Emenda, Sócrates cumpriu sua promessa e, depois de

⁵⁴ PLACAR, n°709. Editora Abril. 23 de dezembro de 1983, p.19-23.

⁵⁵ SILVA, Edson Pimentel da. Anexo, figura 8. *A Democracia Corinthiana e o processo político-social das Diretas Já!*

⁵⁶ PLACAR, n°710. Editora Abril. 30 de dezembro de 1983, p.6.

⁵⁷ SILVA, Edson Pimentel da. Anexo, figuras 10 e 11. *A Democracia Corinthiana e o processo político-social das Diretas Já!*

⁵⁸ PLACAR, n°722. Editora Abril. 24 de fevereiro de 1984, p.15-17.

⁵⁹ PLACAR, n°727. Editora Abril. 27 de abril de 1984, p.37-40.

quase dois anos de recusas a propostas do exterior, se transferiu para o futebol italiano, para jogar na Fiorentina.⁶⁰

O jogo de despedida de Sócrates, no Brasil, foi um evento organizado pelos algozes que o exportaram para o futebol europeu, políticos ligados ao PDS, partido de situação do governo civil-militar.⁶¹ Uma imagem simbólica pode ser trazida à mente, pois, a organização desse jogo, promovida por integrantes do governo ditatorial, era como se estivessem cantando vitória pela derrubada de um dos principais integrantes da Democracia Corinthiana e de um movimento democrático que acontecia no país em meio a Ditadura.

A pá de terra final, para enterrar a Democracia Corinthiana, nesse período, foi a derrota nas eleições para presidente do Corinthians de 1985 da chapa encabeçada por Adilson Monteiro Alves- candidato a presidente- e Sérgio Scarpelli –candidato a vice-, para a chapa que lançou Roberto Pasqua à presidência, que era apoiada por Wadih Helu- deputado estadual do PDS-, Vicente Matheus-que tinha sido derrotado nas eleições anteriores-, Rogê Ferreira- que foi candidato a governador de São Paulo pelo PDT-, Boaventura Faria- que fazia parte do movimento Brasil Esperança, de Paulo Maluf- e pelo vereador Zé Maria- ex-jogador do Corinthians e conselheiro eleito pela chapa Democracia Corinthiana.⁶² Ou seja, boa parte dos indivíduos que apoiaram Roberto Pasqua estavam ligados a estrutura do regime militar que ainda vigorava no país, mas que já “saía” de cena, em 1985. Enquanto outros, apenas mudaram de lado e deixaram de apoiar uma estrutura democrática, para apoiar o que lhes era conveniente naquele momento, assim como foi conveniente apoiar a Democracia Corinthiana.

Conclusão

Ficou claro que os movimentos político-sociais ocorridos nos anos 1980 não foram realizados apenas nas ruas ou pelos políticos, mas houve uma participação importante do meio esportivo nessas manifestações, principalmente no movimento das Diretas Já!. Tanto nas grandes capitais quanto no interior do país, jogadores, clubes, jornalistas e narradores ligados ao futebol se envolveram no movimento de redemocratização do país.

Em resumo, os casos aqui apresentados, brevemente, tiveram a intenção de mostrar o quanto jogadores de futebol e outros meios que fazem parte do convívio futebolístico, estiveram engajados e atentos ao contexto político-social de redemocratização que o Brasil vivia nos anos 1980. Pois, movimentos como a Democracia Corinthiana e as Diretas Já! que, embora tenham sido derrotados em seus objetivos particulares, defenderam a abertura democrática do país e lutaram pela democracia dentro do governo brasileiro. Assim, se faz necessário rememorar e

⁶⁰ PLACAR, n°728. Editora Abril. 4 de maio de 1984, p.53.

⁶¹ PLACAR, n°733. Editora Abril. 8 de junho de 1984, p.16-18.

⁶²MARTINS, Mariana Zuaneti. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*. Acesso em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275015>>, p.94-96. Acesso: 9 de dez. 2018.

revisitar esses eventos a todo instante, para que nossa frágil República não caia novamente em um governo autoritário e que cerceie o direito dos cidadãos brasileiros.

Artigo recebido em 24/06/2018
e aprovado para publicação em 13/08/2019